

Aumenta a dívida do Terceiro Mundo

por Paulo Sotero
de Washington

As transferências negativas de capital dos países endividados do Terceiro Mundo para os países ricos diminuíram ligeiramente, no ano passado, ficando em US\$ 29 bilhões. A redução deve-se a um pequeno aumento dos empréstimos líquidos, resultantes dos créditos concedidos à Argentina e ao México e a algumas operações de refinanciamento da dívida da Coreia do Sul — informou o Banco Mundial, ontem, ao divulgar suas "World Debt Tables" ou "Estatísticas sobre a Dívida Mundial — A Dívida Externa dos Países em Desenvolvimento".

A dívida global, contudo, continuou a crescer. Computados os US\$ 8 bilhões que desapareceram do estoque da dívida nos últimos três anos, em operações de conversão, o banco estima que, no dia 31 de dezembro de 1987, os países endividados deviam US\$ 1,19 trilhão aos bancos e governos dos países ricos, um acréscimo de US\$ 70 bilhões em relação aos números do ano anterior. O trabalho projeta uma dívida de US\$ 1,245 trilhão para o fim de 1988 e prevê que o aumento se dará principalmente a flu-

tuações do valor da dívida não denominada em dólares.

A esperança de reversão do declínio da renda e de uma gradual melhora da posição de crédito dos países altamente endividados não se realizou nem está no horizonte, concluíram os economistas do banco. "O processo de desenvolvimento parou", afirmam eles. O único elemento positivo assinalado pelas estatísticas, que procuram dar um retrato global do problema da dívida, é a perspectiva de um aumento substancial do financiamento dos países mais pobres da África do sul do Saara, graças a uma nova disposição que a crise nesses países despertou entre os credores oficiais, no Clube de Paris, e a novos programas de financiamento de emergência anunciados pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional.

A renda "per capita" dos países endividados de renda média caiu 14% desde 1980. A renda das nações da África subsaariana reduziu-se em 25% no mesmo período. O resultado, nota o trabalho, "é a diminuição do consumo pessoal e o aumento dos problemas sociais e políticos. Mais sério para as perspectivas

econômicas desses países, a atividade de investimento entrou em colapso. O processo de desenvolvimento parou".

Passados cinco anos desde a eclosão da crise da dívida e no momento em que a fase de expansão da economia dos países industrializados, iniciada em 1983, perde o ímpeto, as perspectivas quanto à posição de endividamento dos países de renda média, como o Brasil, o México, a Argentina, etc., "continuam a ser muito desanimadoras, em meio à crescente frustração e fadiga entre credores e devedores pela falta de progresso" na solução do problema, afirma o Banco Mundial.

Em seu balanço de 1987, o Banco Mundial afirma que 1987 foi marcado por outros eventos desencorajadores para os países de renda média. "A demanda de seus produtos de exportação foi novamente restringida pelas condições globais. Embora a taxa de juros real para esses países tenha caído, os juros da dívida em dólares devidos em 1987 aumentaram mais rapidamente do que as receitas de exportação", afirma o banco. "As fortes flutuações das taxas de juro no último

(Continua na página 2)

Aumenta a dívida do...

por Paulo Sotero
de Washington

(Continuação da 1ª página)

trimestre de 1987 e as incertezas geradas pelo colapso do mercado mundial de ações deixou bem fundadas preocupações de que os encargos da dívida aumentarão em 1988".

O estudo lembra que, ainda que o reescalonamento formal de dívida tenha continuado em 1987, o Brasil declarou uma moratória em fevereiro e outros países acumularam atrasos nos pagamentos de juros, apesar da perda de linhas de crédito de comércio e danos de longo prazo em suas relações comerciais. Empurrados por esses eventos, os bancos dos EUA, do Canadá e da Inglaterra seguiram o exemplo de bancos da Europa continental e aumentaram suas provisões de reservas ante eventuais perdas em suas carteiras de empréstimos.

Os empréstimos de fontes oficiais aumentaram ligeiramente em 1987 e chegou-se a um acordo em princípio para aumentar o capital do Banco Mundial, ao mesmo tempo em que o FMI reafirmou que seu envolvimento no problema da dívida continuará a ser considerável. Mas esses "fatos positivos" não alteram a constatação essencial do trabalho. Numa crítica velada ao chamado Plano Baker, que o governo dos EUA apresentou em 1985 como o caminho para a solução do problema da dívida, o Banco Mundial afirma que "o principal objetivo da política de restaurar o crescimento dos países em crise continua sem ser alcançado".